

# *Mídia e Identidade Gaúcha*

ÂNGELA FELIPPI AND VITOR NECCHI (ORG.)

Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

Resenhada por **ANA CAROLINA ESCOSTEGUY** e **NILDA JACKS**

A temática da identidade adquiriu uma importância ímpar na contemporaneidade. Por um lado, devido ao processo de globalização e a uma possível dinâmica de homogeneidade cultural que é propiciada pelo mercado global. Por outro, a evidência alcançada pelas identidades regionais e até mesmo nacionais, num movimento de fortalecimento do local. A abordagem das identidades (nacional, regional, juvenil, de gênero etc.) como objeto de estudo da Comunicação prioriza uma compreensão mais recortada e específica, pois sua análise localiza-se em determinadas atividades sociais – em especial relacionadas à mídia, num meio social particular. Operacionalmente é a descrição e análise de processos específicos de formação identitária que, neste caso, são constituídos pela avassaladora presença das distintas redes de tecnologias de comunicação. O livro *Mídia e Identidade Gaúcha* está em sintonia com tais movimentos. Daí a relevância de pensar as práticas de jornalismo, o consumo de música, o papel do rádio, as representações postas em circulação pelo cinema, pela TV, pela imprensa, por *sites*, pelas tiras cômicas e pela publicidade em relação a uma maneira de ser gaúcho, como mostra esta coletânea.

Para além da cultura gaúcha, o que atravessa os relatos aqui reunidos é a problemática da construção desse ser gaúcho, mediante representações postas em circulação por distintas mídias e/ou práticas simbólicas. É intrínseca a essa concepção a existência de uma diversidade de narrativas sobre esse jeito de ser, configurando um regime cultural que vive através da diferença. Do ponto de vista conceitual, é reconhecida, nas análises do livro, tanto a pluralidade de narrativas quanto a existência de conflitos em torno da construção da identidade gaúcha. No entanto, a descrição dos objetos recém mencionados que fazem parte do percurso do livro, em sua maioria, sustentam que uma determinada forma de ser gaúcho passa pela tradição. Este descompasso associa essas análises

a uma determinada concepção de identidade em que fica evidente a precariedade em estabelecer um forte vínculo entre esfera cultural e poder. Daí a necessidade de um protocolo analítico que destaque essas relações, contemplando a dimensão reguladora da cultura exercida tanto na vida social quanto nos modos de ser, sem voltar, é claro, aos tradicionais estudos de ideologia.

É claro que alguns desses textos observam que a relação entre cultura e economia e vice-versa está cada vez mais entranhada, fenômeno que não se pode desatender dado ao crescente movimento de monopolização do espaço cultural. Nesse âmbito, identifica-se a globalização e seus efeitos sobre o meio social, seja constituindo a vida local e cotidiana, seja configurando a formação de identidades. No entanto, o movimento, denominado por Hall, de “regulação através da cultura” está relativamente apagado em tais análises, sobretudo, aquela forma que incide diretamente na constituição das subjetividades e, claro, das identidades. Esta forma de regulação faz com que o sujeito internalize as condutas, normas e regras, *regulando-se a si mesmo*. É aí que se efetiva o poder da mídia.

E é nessa esfera da “regulação através da cultura” que se situam as representações. Ou seja, as representações que circulam pelo jornal *Zero Hora*, pelas tiras cômicas do Analista de Bagé, pelo filme *Anahy de las Misiones*, pela publicidade, pela produção televisiva regional, entre outras expressões da cultura da mídia, analisadas no conjunto desta publicação, constituindo uma das concepções de “quem somos nós, os gaúchos”. Desse modo, a partir do momento que são adotadas certas posições, construídas a partir dessas significações, “nossas” identidades vão sendo formadas. É este movimento que falta evidenciar no exame das representações midiáticas do gaúcho: momento em que o poder assume uma posição central e a ação do sujeito obrigatoriamente passa a ser pensada em relação aos distintos processos de controle social. Claro, se passarmos para o lado do sujeito, analisando suas identificações, talvez tenhamos outras descobertas, o que não invalida a necessidade do movimento analítico reivindicado na coletânea em questão.

Mais que uma resenha, o que apresentamos aqui é um olhar mais global sobre as análises reunidas em *Mídia e Identidade Gaúcha*, visão esta construída a partir do prefácio e do posfácio realizados para o livro a convite dos organizadores. As singularidades de cada pesquisa somente podem ser apreciadas mediante a leitura dos relatos reunidos na publicação.

| **Ana Carolina Escosteguy** Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da FAMECOS/PUCRS; pesquisadora do CNPq.

| **Nilda Jacks** Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da FABICO/UFRGS; pesquisadora do CNPq.